



gélica, em todo o mundo, nos últimos anos", afirma o historiador e antropólogo Paul Freston, professor na Balsillie School of International Affairs e na Wilfrid Laurier University, em Waterloo, Ontário, no Canadá. Na década de 1980, Freston foi um dos primeiros a pesquisar religiões evangélicas no país – denominação que engloba igrejas cristãs não católicas e herdeiras do protestantismo –, dedicando-se a estudar as diferenças entre as instituições do protestantismo histórico, pentecostalismo e neopentecostalismo (ver Movimento evangélico no quadro abaixo).

O livro Evangélicos y poder en América Latina (Konrad Adenauer Stiftung e Instituto de Estudios Social Cristiano, 2018), coordenado pelo sociólogo peruano José Luiz Pérez Guadalupe, da Escola de Governo e Políticas Públicas da Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP), investiga a atuação dessas religiões em diferentes nações, propondo o termo "revolução silenciosa" para a expansão que vem abalando a hegemonia católica de cinco séculos na região. A obra mostra como os evangélicos deixaram os "templos de garagem" para ocupar cargos no Legislativo, em prefeituras e grandes empresas. De acordo com Guadalupe, apesar de comum a toda América Latina, o fenômeno apresenta características específicas em cada país. Assim, se no México a comunidade evangélica é pequena, na Guatemala e em El Salvador ela representa

quase metade da população, enquanto na Colômbia e no Peru evangélicos têm se envolvido cada vez mais na tomada de decisões políticas. É no Brasil, contudo, destaca ele, que os evangélicos alcançaram a maior estruturação política.

No país, o Censo mostra que 26,2 milhões de pessoas se declaravam evangélicas, no ano 2000, o que representava 15,4% da população. Em 2010 esse número saltou para 42,3 milhões de pessoas, um percentual correspondente a 22,2% dos brasileiros. Em 1991, os evangélicos somavam 9% e, em 1980, 6,6% da população brasileira. O levantamento mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou que evangélicos se expandem em movimento oposto ao observado no catolicismo, que desde a década de 1990 registra quedas significativas em seu número de fiéis: em 2010, 64% dos brasileiros professavam a religião, contra os 91% registrados em 1970. O IBGE calcula que anualmente são abertas 14 mil igrejas evangélicas no país. Em 2022, mantida a tendência atual de crescimento no número de evangélicos, os católicos devem representar menos de metade da população brasileira.

ESPAÇOS INSTITUCIONAIS

Em relação aos evangélicos, estudiosos identificaram que o crescimento tem sido acompanhado do aumento de sua presença em espaços institucionais como a Câmara dos Deputados, o ExecuInaugurado em 2014 no bairro paulistano do Brás, o Templo de Salomão foi construído com pedras trazidas de Israel. Sua altura equivale à de um prédio de 18 andares

MOVIMENTO EVANGÉLICO

SÉCULO XVI

Surgimento do **PROTESTANTISMO**. A reforma proposta pelo monge agostiniano **Martinho Lutero** (1483-1546) contestou a autoridade central e o monopólio clerical como fonte única de interpretação da Bíblia. Entre vários elementos, a religião protestante caracteriza-se pela rejeição da ideia de santos como mediadores do terreno e do divino

Os **PRIMEIROS PROTESTANTES**

chegam ao Brasil. Integrando missões colonizadoras provenientes da Holanda e da França. Esta corrente considera a missão evangelizadora e a educação como formas de influenciar a sociedade. Sua ética social e política está orientada para o "bem comum".



SÉCULO XIX

As igrejas do **PROTESTANTISMO HISTÓRICO**, entre elas as luteranas, presbiterianas, metodistas e batistas, se estabelecem no Brasil. Seu serviço religioso destinava-se inicialmente a estrangeiros.

SÉCULO XX

Nas duas primeiras décadas, missionários dos Estados Unidos e da Europa chegam à América Latina para fomentar a expansão de suas igrejas, principalmente entre as classes média e baixa. O momento marca a emergência do MOVIMENTO PENTECOSTAL na região, que faz uma releitura de correntes do protestantismo histórico: anticomunista, antiecumêmico e conservador politicamente, rechaça reformas na estrutura social e adota uma concepção bíblica literal. Os pentecostais consideram o esforço de conversão, inclusive de adeptos de correntes do protestantismo histórico, como uma de suas principais missões.



Criada por missionários suecos que viviam nos Estados Unidos, a Assembleia de Deus é considerada a PRIMEIRA IGREJA PENTECOSTAL BRASILEIRA. Em seguida, foram fundadas a Congregação Cristã e a Igreja do Evangelho Quadrangular.





1970

Surgem as primeiras igrejas NEOPENTECOSTAIS, com a adoção da TEOLOGIA DA PROSPERIDADE, que valoriza a riqueza material: Igreja Evangélica Pentecostal Brasil para Cristo, Deus é Amor e Igreja Universal do Reino de Deus.

tivo, em escolas e na mídia. "O incremento demográfico evangélico tem transbordado para outras dimensões da vida pública", afirma Ronaldo de Almeida, do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ele pesquisa religiões evangélicas desde a década de 1990 e observa que a dinâmica também se manifesta em programas da TV aberta, em que Igrejas compram parte da grade de programação para transmitir cultos, na maior veiculação de música gospel em estações de rádio, e na paisagem urbana, com a multiplicação de igrejas de todos os portes em diferentes áreas das cidades.

Paula Montero, do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP) e que desde 2015 coordena projeto de pesquisa sobre o secularismo brasileiro, explica que há cerca de 30 anos a religião era entendida como uma instituição voltada para os próprios adeptos e suas crenças, compartilhadas quase exclusivamente pelo grupo de fiéis. Os estudos acadêmicos dedicavam-se, então, a compreender como a religião funcionava em seus espaços internos, como os templos. "As democracias contemporâneas têm como pano de fundo a ideia de que religiões não devem estar presentes na vida política", observa. "Porém, como não é isso o que ocorre, pesquisa-

dores têm se questionado sobre como entender sistemas democráticos nos quais as organizações religiosas atuam na arena pública e no governo."

Na busca por essa compreensão, Montero relata que o projeto constatou o desenvolvimento de um novo fenômeno no Brasil: o esforço das organizações religiosas em elaborar estratégias de visibilidade como forma de conquistar legitimidade. O artigo "Fazer religião em público: Encenações religiosas e influência pública", divulgado ano passado por Montero e outros integrantes da pesquisa, defende que o desenvolvimento da experiência pública do religioso ocorre em diferentes arenas, citando como exemplos a cerimônia de inauguração, em 2014, do Templo de Salomão, da Igreja Universal do Reino de Deus, em São Paulo, que contou com a presença de autoridades políticas e teve grande repercussão na imprensa; as controvérsias no Supremo Tribunal Federal (STF) envolvendo agentes religiosos em debates sobre aborto e uso de células-tronco em pesquisas; e a repercussão midiática do trabalho da pastora transgênera Alexya Salvador. No caso específico dos evangélicos, Montero observa que, no Brasil, a expansão de sua presença na vida pública tem sido baseada em "estratégia triangular", que inclui a esfera religiosa, a busca por

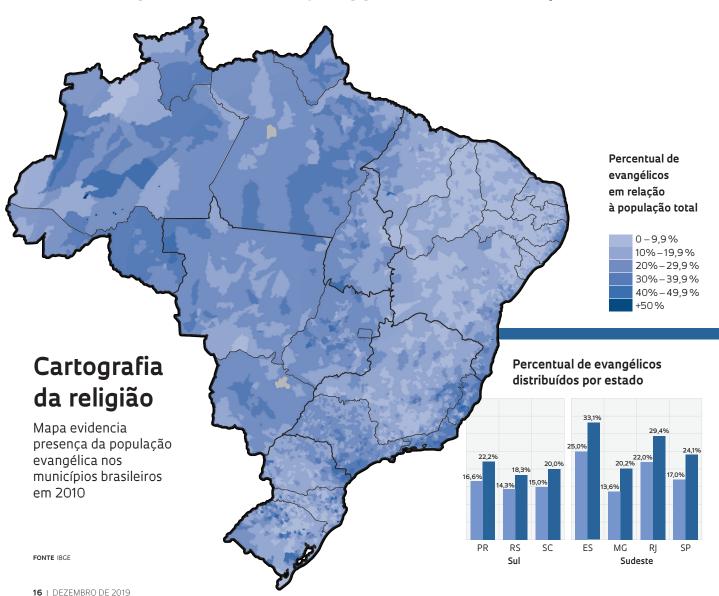
Fonte Evangélicos y Poder en América Latina, Paul Freston, Paula Montero e Ricardo Mariano visibilidade midiática e certo protagonismo no Legislativo. "Nesse momento, o secularismo brasileiro passa por um processo de reconfiguração, marcado pela expansão das igrejas evangélicas e sua influência crescente na esfera pública e na política do país", analisa a antropóloga.

RELAÇÃO COM A IGREJA CATÓLICA

Um dos pontos de partida para desvendar os motivos da expansão evangélica envolve análises comparativas com o funcionamento da igreja católica, cujas relações com o que hoje é denominado Estado remontam à chegada dos portugueses em 1500, acompanhados de integrantes do clero. Até o final do Império, eram os religiosos católicos os responsáveis por atividades de registro civil (nascimentos, casamentos e mortes) e pelo gerenciamento de boa parte das escolas, hospitais e cemitérios. Com o processo de secularização, ou seja, a separação oficial entre Igreja e Estado, a partir da Proclamação da República em 1889 e, mais especialmente, com a Constituição de 1891, muitas escolas e cemitérios passaram a ser administrados

por organizações públicas. Nova mudança viria com a promulgação da Constituição Federal, em 1988. "Na ocasião, houve uma ruptura no entendimento da nação brasileira como sincrética e católica", indica Montero, da USP. Tal ruptura, explica ela, desencadeou um processo de valorização do pluralismo religioso, motivando diferentes doutrinas, entre elas a evangélica, a buscar formas de ampliar sua visibilidade na sociedade.

O teólogo Rodrigo Franklin de Sousa, da Faculté Jean Calvin, em Aix-en-Provence, na França, avalia que a igreja católica não conseguiu acompanhar as transições pelas quais a sociedade passou nos últimos anos. "A Igreja acabou distanciando-se dos jovens e da população de baixa renda", diz. Na mesma linha de argumentação, a socióloga Lilian Maria Pinto Sales, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), lembra que a igreja católica existe há 2 mil anos, possui regras rígidas e funcionamento hierárquico central. "Por se tratar de uma instituição com estrutura consolidada, cuja autoridade máxima é representada pela figura do papa, torna-se difícil colocar mudanças







Acima, templo da Assembleia de Deus na comunidade Tavares Bastos, no Rio de Janeiro. À direita, envelope para doação de dízimo utilizado por igreja no bairro de Pinheiros, em São Paulo em prática, algo muito diferente do que ocorre com os evangélicos, que não possuem hierarquia sólida e têm flexibilidade de adaptação a novos contextos", diz.

Segundo Freston, da Balsillie School of International Affairs, a estrutura hierárquica consolidada reflete-se na organização territorial rígida, em que bispos são responsáveis por dioceses preestabelecidas e a abertura de novas igrejas não ocorre com rapidez. Além disso, a formação de um padre católico costuma durar cerca de oito anos e exige sacrifícios, como o celibato. Dados do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, órgão da Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), contabilizam a existência de 27,3 mil padres no Brasil - um clérigo para cerca de 8 mil habitantes. A média mundial é de um sacerdote para 2 mil pessoas. "A baixa proporção observada no Brasil acaba limitando o raio de alcance da Igreja", analisa Freston.

Para serem abertas, as igrejas evangélicas dependem apenas de registro em cartório e, no caso de pertencerem a denominações como a Universal ou Igreja Quadrangular, de autorização prévia da instituição central. Além disso, apesar de a formação de líderes religiosos nas igrejas pentecostais e neopentecostais variar bastante, podendo durar semanas ou meses, o processo tende a

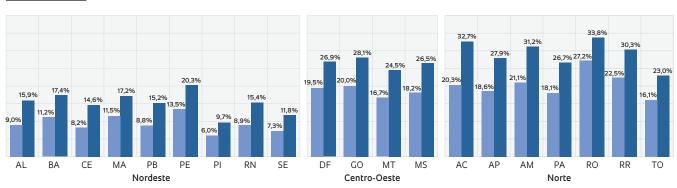
ser rápido, diferentemente da longa preparação exigida de padres católicos ou de representantes do protestantismo histórico.

A facilidade de abrir novas unidades tem favorecido a presença de organizações pentecostais e neopentecostais nas periferias e fronteiras agrícolas do país, avaliam estudiosos. "Onde hoje surge uma favela, amanhã já encontraremos uma igreja evangélica", diz Freston, utilizando como exemplo a história da Universal. Fundada em 1977 no Rio de Janeiro, seu primeiro templo foi inaugurado no espaço em que antes funcionava uma funerária. À medida que foi crescendo, a Igreja ampliou a presença nas periferias urbanas, passando a ocupar áreas originalmente destinadas a depósitos ou antigos supermercados. "A iniciativa de construir grandes templos começou na década de 1990. A inauguração do Templo de Salomão, há cinco anos, representa um marco desse processo de expansão", destaca. Capaz de acomodar 10 mil pessoas sentadas na nave central, a edificação foi construída com pedras trazidas de Israel e sua altura equivale à de um prédio de 18 andares.

DISCURSO PRAGMÁTICO

Em perspectiva comparada, outro aspecto distintivo diz respeito ao fato de a igreja católica mover-se doutrinariamente em nome dos pobres,





vistos como "eleitos de Deus". "No catolicismo, acredita-se que é por intermédio do trabalho com os mais humildes que a sociedade se redime e se torna melhor. Trata-se de discurso centrado na promoção da comunidade", explica Montero, da USP. Da mesma forma, embora tenha como premissa a opção preferencial pelos mais pobres, a teologia da libertação, corrente surgida na América Latina a partir do Concílio Vaticano II, utiliza um discurso intelectualizado, que não parece contemplar as necessidades imediatas do povo, observa Sousa, da Faculté Jean Calvin. "Com o passar do tempo, parte do público originalmente priorizado pela teologia da libertação optou por seguir as igrejas evangélicas, que parecem oferecer respostas concretas aos problemas cotidianos", diz. Em cultos evangélicos, a dinâmica é visível quando, por exemplo, os pastores pedem intervenção divina para a obtenção de emprego ou para que homens deixem de beber e maltratar suas mulheres. "É um discurso pragmático, segundo o qual o poder sobrenatural pode interferir diretamente na realidade", constata o pesquisador.

Ao se organizar em torno do sucesso individual de seus adeptos, denominações evangélicas se apoiam e promovem os valores da chamada "teologia da prosperidade", predominantes, sobretudo, entre as igrejas neopentecostais, indica Almeida, da Unicamp. Originária dos Estados Unidos, tal corrente traz a promessa de prosperidade divina para o presente. "Além disso, enquanto o protestantismo histórico defende que o enriquecimento é fruto do trabalho, a teologia da prosperidade enfatiza a ideia de que é preciso empreender, tornar-se patrão", compara Almeida. "Nessa lógica, os problemas não são dificuldades ocasionadas pela estrutura social, por exemplo, mas advêm da falta de esforço individual", explica. No Brasil, a teologia da prosperidade começou a disseminar--se no universo evangélico a partir dos anos 1970. "Na Universal, por exemplo, o enriquecimento dos líderes é tratado como prova de bênção divina", enfatiza Freston, lembrando que este é o caso de Edir Macedo, fundador e líder da Igreja. Segundo ranking da revista norte-americana Forbes, ele é considerado o pastor mais rico do país, com patrimônio estimado em R\$ 2 bilhões. "As igrejas evangélicas são mais sensíveis ao desejo material da população e lidam com o cotidiano de uma maneira que as religiões tradicionais não o fazem", resume o sociólogo e latino-americanista David Lehmann, da Universidade de Cambridge,

Ministério Consolador de Israel (*abaixo*), templo evangélico localizado no bairro paulistano do Belenzinho, propõe-se a apoiar frequentadores na solução de problemas cotidianos





Presente em 30 países, Igreja da Comunidade Metropolitana tem a proposta de acolher a diversidade sexual e de gênero, inclusive entre seus líderes religiosos no Reino Unido. Ele destaca ainda que, apesar de haver poucas mulheres atuando como pastoras, elas desempenham importante papel na organização de atividades comunitárias.

Na avaliação de Ricardo Mariano, do Departamento de Sociologia da USP e um dos pioneiros a investigar o tema no Brasil, fatores como os anteriormente mencionados têm motivado a conversão de católicos a igrejas pentecostais e neopentecostais: "Quarenta e quatro por cento dos evangélicos no país nasceram católicos e mudaram de crença religiosa posteriormente", informa.

SERVIÇO ESPIRITUAL

Enquanto alguns pesquisadores defendem que o discurso baseado na resolução de problemas cotidianos e a ênfase dada à busca pela prosperidade financeira são aspectos fundamentais para explicar o crescimento das religiões evangélicas no Brasil, outros enfatizam o papel que tais religiões desempenham na organização da vida comunitária, principalmente em regiões mais pobres, onde o Estado não está presente. Martijn Oosterbaan, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Utrecht, Holanda, que desenvolve pesquisas em favelas cariocas há cerca de 20 anos, atribui parte dessa expansão ao contexto de precariedade de regiões periféricas. "Sobretudo nos cultos das pequenas igrejas, os pastores escu-

tam as pessoas, doam cestas básicas e oferecem assistência social, além de um serviço espiritual que se propõe a ajudar na resolucão de problemas cotidianos", analisa. No caso da Universal, são 15 os programas sociais, que incluem apoio a pessoas em situação de rua e a dependentes químicos, amparo a mulheres vítimas de violência e iniciativas voltadas à ressocialização de egressos do sistema prisional. Segundo dados oficiais da Igreja, no ano passado, 10,8 milhões de pessoas – em geral, não apenas adeptos da Universal – foram atendidas por esses projetos.

Sem ignorar a ênfase dada pelas denominações neopentecostais à prosperidade financeira, Lehmann diz que a maioria das igrejas apenas subsiste com os recursos do dízimo, tributo pago pelos adeptos como obrigação religiosa, e suas lideranças não necessariamente enriquecem com o que é arrecadado. "Mais do que um modo de obter recursos financeiros, se tornar pastor é uma forma de se apresentar como pessoa digna à sociedade."

Projeto

Religião, direito e secularismo: A reconfiguração do repertório cívico no Brasil contemporâneo (nº 15/02497-50); Modalidade Projeto Temático; Pesquisadora responsável Paula Montero (USP); Investimento R\$ 2.620.216,86.

Os artigos e livros consultados para esta reportagem estão listados na versão on-line.